

CORPO E ESCÂNDALO: A VIVÊNCIA QUEER DO POETA SERGIPANO ARARIPE COUTINHO

Jaime Santana Neto¹

Paulo César Souza García²

Resumo: Esse trabalho discursará sobre a relação do corpo com a sociedade, através da nuance Queer, expressada pelas vivências do escritor sergipano Araripe Coutinho, tomando como base a polêmica nacional, de 2011, envolvendo a publicação de seu livro “Obras Reunidas” e a divulgação de fotografias nas quais o poeta aparece nu dentro do Palácio Museu Olímpio Campos, local de acesso restrito e símbolo do Governo Sergipano. O emergente e famigerado escândalo provocou discussões sobre o corpo retratado nas fotos e a censura social sobre a permissividade de uma vida performática. Desta forma, o artigo trará como base de pesquisa conteúdos envolvendo parte do material jornalístico publicado na época além de depoimentos do próprio escritor. Para a concepção teórica, esse estudo se debruçará sobre mecanismos sociais a partir da Teoria Queer abordada por Judith Butler, Michel Foucault e Tomaz Tadeu Silva, além dos estudos sobre corpo trazidos por Guacira Lopes Louro e Emerson da Cruz Inácio.

Palavras-Chave: Corpo. Queer. Sexualidade.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Linguística, Literatura e Artes | Dllartes, Campus II UNEB. E-mail: jaimenetoparticular@gmail.com.

² Doutor em Literatura (UFSC) e professor de Licenciatura em Letras na área de Estudos Literários e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Linguística, Literatura e Artes | Dllartes, Campus II UNEB. E-mail: pgarcia@uneb.br.

INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado servirá de introdução à discussão relativa corpo, objeto de pesquisa visto aqui como algo mutável, transcurtido e negado aqui apenas um conceito estático. O processo de desconstrução do corpo em si, antes máquina biológica, tem resultado em discussões sociopolíticas, munidas de resistência e significado. Mecanismos de desobediência e ensino provocam questionamentos pulsantes e assim devem ser trabalhados, analisados e repensados quanto a função do corpo e sua identidade pessoal. Neste sentido, o corpo educado, visto através do cotidiano, que poderia em si passar despercebido ao ser contestado por situações sociológicas acaba por promover um processo de educação ao invés de ser notado apenas enquanto objeto.

Massa orgânica e arte, o uso do corpo do poeta sergipano, Araripe Coutinho num contraste direto com a tormenta nacional, provocada pela divulgação exacerbada de suas fotos nu, dentro do Palácio do Governo de Sergipe (pelado), servirá para costurar as ideias e teorias relacionadas assim temas, que nos últimos anos se tornaram necessários e usuais, como: a sexualidade, o gênero, a performance e o Universo *Queer*.

Formado por milhares de células, que unidas montam um quebra-cabeça complexo com órgãos, tecidos e sistemas, o corpo humano é retratado pela ciência como um mecanismo finito, sendo que socialmente ainda é um mundo a ser explorado, entre tantos pontos por suas inúmeras possibilidades culturais, o que torna por si só converte, de antemão, a imagem do corpo de carne, músculos, sangues e neurônios. Ao mesmo tempo em que o corpo se mostra, artisticamente, semelhante a uma obra aberta e inacabada, sua composição traz também um complexo de alma e vontades, o que o torna infinito.

As confabulações do corpo-objeto são alimentadas ainda na infância, de maneira natural, onde o olhar que cada pessoa terá sobre seu próprio corpo e o corpo alheio já nasce carregado de opiniões e preceitos dos parentes e pessoas mais próximas. Ao se crescer, quase sempre, a autopercepção de suas próprias vontades, saberes e referências se mostra intrínseca à identidade do corpo, visto aqui agora como representação social ou seja: o que o corpo infantil recebeu de estímulo e informação moldará o processo de autovisão do corpo infanto-juvenil e por consequência do corpo adulto. O carregamento de informação que esse corpo absorveu ao longo dos anos terá por consequência um esboço demarcado de quem se é.

Uma vez que o corpo ditado deve seguir regulamentos para a sua própria sobrevivência, um corpo dissidente resulta na promoção de conflitos, e pensamentos também dissidentes.

É conhecimento comum que a família tem papel imprescindível no processo de formação, pois é, primeiramente dentro de casa, que as experimentações são fomentadas para que desde a infância o corpo-criança entenda o que seu objetivo é ser visto e suprido. Desde os atravessamentos sociais de construção dos sujeitos, citados por Foucault (1987), passando pela formação fluída da sexualidade a partir do entendimento da construção (e desconstrução) presente dentro da Teoria Queer de Butler (2003), todo o processo deve ser compreendido como um passo inicial para a formação de ideias e gostos. É justamente dentro do processo de se pensar o corpo enquanto bandeira da formação individual, que Louro (2000) fundamenta seus estudos, transitando assim pela relação Corpo e o *Queer*.

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler (1999), a força de uma

invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, Queer significa colocar-se contra a normalização — venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2020, p. 35).

PERCEPÇÕES E (RE)CONSTRUÇÕES

Foucault (1987) já sinalizava para a construção de indivíduos dominados, o que seria então consequência de atravessamentos vindos de vários saberes, quase sempre decorrentes de influência externa, onde determinados discursos acabavam por moldarem mentes e olhares para o mundo.

Amparado em bases *Queer*, o corpo, antes mecanismo natural, ganha segmentação e composição inesgotável, retratando agora, experiências e conceitos, que provocam uma elasticidade na maneira de se entender como objeto mutável, transformando-se num sistema plural e mais resistente.

Como uma teoria não-propositiva pode “falar” a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço nesse campo, usualmente, voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a Teoria Queer para a prática pedagógica? (LOURO, 2020, p. 43).

Assim, para se entender o *Queer* e sua relação com o corpo, principalmente, o corpo em formação, se faz imprescindível

compreender que o desenvolvimento humano recairá sempre sobre parâmetros de conhecimentos mistos, e que estes (re)conhecimentos deverão fazer parte de todo o processo do ciclo de vida (desde o primeiro contato do bebê com a mãe até a velhice, passando pelas relações sociais).

Para Butler (2003), a Teoria *Queer* pode ser considerada um mix de muitas respostas pessoais e, acima de tudo, de questionamentos vindos tanto das instituições (escola, família, etc) quanto dos discursos aprendidos no convívio social, sendo tudo isto fruto de um resultado do processo de construção de cada indivíduo. A autora pontua que tais respostas trarão consequências diretas para a chamada orientação sexual e também para aquilo que hoje chamados de identidade de gênero.

A partir da diversidade do pensamento *Queer* é possível se traçar novos rumos para o aprendizado do que vem a ser um corpo plural. Quando as normas corriqueiras de supremacia heterossexual são questionadas, quando o dito normal é quebrado e convertido em dúvidas, só então, assim, será possível provocar questionamentos, incluindo-se também os autoquestionamentos. Louro (2001), por exemplo, utiliza a ínfima relação heterossexualidade e homossexualidade para amparar a ilustração da quebra de conceitos e preconceitos, o que contribui diretamente para novos pensamentos.

Segundo os teóricos e teóricas *Queer* é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse 'outro' permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. Numa ótica

desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (a heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida como ‘natural’ (LOURO, 2001, p. 549).

O HOMEM VESTIDO DE FLORES

Louro (2001) utiliza a Teoria *Queer* para promover o pensamento educacional, principalmente, quando seus preceitos não estão restritos à ambiguidade heterossexualidade/homossexualidade, nem pautados simplesmente nos estudos sobre a sexualidade do outro, muito pelo contrário, a autora em si pontua que a Teoria *Queer* vai além, expandindo-se em múltiplas e fluídas identidades sexuais (e seus gêneros), e acima de tudo contribuindo para mudanças culturas, principalmente, nas áreas do conhecimento.

O *Queer* se torna assim uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar *Queer* significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia *Queer* é, nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente e profana (SILVA, 2004, p. 107).

Ao celebrar seus 20 anos de carreira literária, Araripe Coutinho tirou fotos nu, usando apenas flores para cobrir o pênis. O ensaio fotográfico aconteceu em 2008, quando o poeta e o fotógrafo Alessandro Sagatto adentraram ao Palácio Museu Olímpio Campos³, em Aracaju, capital de Sergipe. Ao passar pelo

³ Entre os séculos 19 e 20, o Palácio Museu Olímpio Campos foi a sede do Governo Sergipano. No ano de 2005, o local estava fechado numa espécie de planejamento de pré-reforma aguardando os tramites do serviço público (a grande reforma só foi acontecer em 2007 e durou três anos).

única segurança que estava no local, o escritor avisou que iria fazer umas fotos no interior do prédio. Como era uma pessoa pública, de conhecimento de muitos aracajuanos, Araripe Coutinho não encontrou empecilhos logísticos para a realização de tal conteúdo. Sem impedimentos externos, as feições das fotos transcorreram normalmente no desenrolar da tarde.

As imagens foram usadas, em 2009, para compor a parte visual do livro contendo toda a obra do autor, intitulado: Araripe Coutinho: Obra Poética Reunida. No momento da publicação do seu próprio livro-homenagem, Araripe Coutinho não recebeu críticas nem foi acusado de vandalismo nem de invasor do Palácio Museu Olímpio Campos. As fotos surtiram nenhum escândalo aparente, mas, dois anos depois (2011), anonimamente, as imagens passaram por uma reedição e reapareceram num formato de uma tirinha pornográfica, em tom sarcástico e maldoso. Vítima de uma articulação política contra o Governador Sergipano da época (o petista Marcelo Déda), Araripe Coutinho serviu para fomentar uma engrenagem tacanha de uma política interiorana, endossando parte daquilo que anos depois seria chamado de *Fake News*⁴.

Na época do tal escândalo, a Secretaria da Casa Civil de Sergipe, para responsabilizar alguém pela suposta invasão ao prédio público, levou o caso para ser apurado por parte da Procuradoria Geral do Estado. Araripe Coutinho sofreu insinuações e Cyberbullying⁵ no Brasil inteiro, pois o caso ganhou dimensão nacional. No decorrer das semanas seguintes, entre especulações de um suposto crime e as dezenas de entrevistas

⁴ O termo Fake News surgiu nos Estados Unidos há décadas, mas ganhou força em 2016 durante as eleições de Donald Trump à presidência.

⁵ Cyberbullying é o bullying realizado através das tecnologias digitais.

que Araripe Coutinho deu, nem ele ou muito menos o fotógrafo Alessandro Sagatto foram presos. Apesar de não se incriminado, o poeta carregou, pelos próximos anos, a mácula de ver a sua imagem ligada a um escândalo sem sentido. Araripe Coutinho morreu quatro anos depois, em dezembro de 2014.

A ideia de um corpo bloqueado, proibido de ser enaltecido e ao mesmo tempo anulado em seu contexto sociopolítico não é algo recente no Brasil, mas nos últimos anos vem se descortinando uma controvertida funcionalidade desses corpos, até então, desprezados pela opinião pública. Encontra-se também nesta mesma conjectura as discussões sobre: idade, sexo, cor, peso, transgeneridade, além dos vários tipos de violências sociais.

Alçando falas sobre arte, sexualidade e seu corpo-objeto, Araripe Coutinho contribuiu para um levante dentro da Sociedade Brasileira sobre a importância de se discutir até que ponto um corpo marcado pela soma de tantos preconceitos poderia também ensinar. Ao dar entrevistas a programas de TV, sites e jornais como: Jô Soares, Jornal Hoje, G1 Notícias, Folha de São Paulo e etc, o escritor precisou anular seu eu poético em prol ficando restrito a uma performance dantesca, onde mesclava crítica social, escárnio popular e fazia assim levantar questionamentos sobre o que pode seu corpo gordo, gay, aparentemente indígena e nordestino?

Em entrevista ao Portal G1, na época do fato, Araripe Coutinho escancarou que o ódio recebido por tais fotos nada mais era do que uma consequência do preconceito que sempre o acompanhou.

Não consigo sair de casa. Estão achando que é um acontecimento fantástico. Se fosse um cara musculoso ou a garota do Tchan, ninguém falava nada. Mas como eu sou 'boteriano'... eu não tinha porque tirar uma foto de terno e gravata. Eu queria que as pessoas dissessem: 'o poeta está nu', porque toda minha poesia é assim, despojada de

qualquer conceito. O museu estava completamente detonado. Como eu ia fazer meus 20 anos de literatura, resolvi fazer uma visita a Botero, Caravaggio, Modigliani, no mobiliário belíssimo do museu. Não há nada de imoral nas fotos, nada de aviltante, são hipercomportadas, porque eu não mostro nada, não mostro nem a bunda. Apenas tirei a foto com a flor na frente, bem boteriana, bem bonita (COUTINHO, 2011, p. 1).

Ao ser vítima de uma armadilha política, Araripe Coutinho passou então a fazer parte de discussões sociais que não eram, declaradamente, bandeiras levantadas por ele. Ele aprendeu a falar sobre seu posicionamento corporal da maneira mais impactante: lutando contra a opinião pública e os juízes da Internet. Naquele ano, uma das pautas do momento, no Brasil, era seu corpo meio-índio, meio negro, meio-homem, meio-mulher e totalmente gordo.

Para a sociedade em 2011, não se tratava apenas de um invasor a um prédio público, mas de um contraventor da moral e dos bons costumes que ousou mostrar quem era ele em si, com o corpo que lhe cabia, vestido apenas por sua alma inquieta e algumas flores.

Porque é gay, porque é no museu, porque é gordo... Como teve essa empáfia de virar uma Mona Lisa deitada? Então vai ter que passar tinta na Capela Sistina inteira, porque tem anjos com o sexo à mostra. Eu amo o museu. Aproveitei que não ia vir abaixo, como todo nosso patrimônio brasileiro, que desmorona, (fui lá) para tirar logo as minhas fotos. (Foi algo) completamente artístico, bonito, de muito bom gosto, e que criou na cidade uma comoção pública desnecessária. As pessoas detonaram essas fotos na net, virou trending topic. Porque durante 20 anos de literatura, morei com Hilda Hilst, escrevi para o Clodovil, ninguém nunca falou nada da minha poesia? Mas serviu para a sociedade discutir conceito de arte. Agora depois de uma mulher na Presidência do Brasil (Dilma Rousseff), as pessoas ainda vêm discutir no artístico? É para se discutir liberdade de expressão. As pessoas devem abrir a cabeça e introduzir um pouco mais de modernidade, mas não o conceito da palavra gasta, e sim, algo que vai modificar o conceito de sociedade. Parece que nós sempre estamos levando alguém para a fogueira (COUTINHO, 2011, p. 1).

Neste contexto, Araripe Coutinho ensinou que a liberdade, quase sempre, necessita de corpos em desconstrução para assim se fazer pensar.

Butler (2019) afirma que os corpos nunca se conformam com o que são e nem seguem à risca as normas impostas. Este mesmo pensamento é intensificado em Louro (2000) que enfatiza que cada indivíduo produz seu gênero e sua sexualidade em seu próprio corpo, porém, este processo não acontece por acaso ou por vontade própria, sendo assim, tudo é resultado de uma soma de situações, ideias e influências.

Neste processo apontado por Louro (2000) se faz necessário usar a desconstrução como metodologia para quebrar ideias, preceitos e direções preconcebidas, onde se indicarão métodos que possam desestabilizar os binarismos linguísticos e conceituais. A escritora parte da ideia de que a Teoria *Queer* serve também para se construir uma política de conhecimento cultural.

Analisar as estratégias — públicas e privadas, dramáticas ou discretas — que são mobilizadas, coletiva e individualmente, para vencer o medo e a atração das identidades desviantes e para recuperar uma suposta estabilidade no interior da identidade-padrão. Reinventar e reconstruir, como prática pedagógica, estratégias e procedimentos acionados pelos Ativistas *Queer*, como, por exemplo, a estratégia de “mostrar o *Queer* naquilo que é pensado como normal e o normal no *Queer*. Tal Pedagogia não pode ser reconhecida como uma pedagogia do oprimido, como libertadora ou libertária. Ela escapa de enquadramentos. Evita operar com os dualismos, que acabam por manter a lógica da subordinação. Contrapõe-se, seguramente, à segregação e ao segredo experimentados pelos sujeitos ‘diferentes’, mas não propõe atividades para seu fortalecimento nem prescreve ações corretivas para aqueles que os hostilizam. Antes de pretender ter a resposta apaziguadora ou a solução que encerra os conflitos, quer discutir (e dismantlar) a lógica que construiu esse regime, a lógica que justifica a dissimulação, que mantém e fixa as posições de legitimidade e ilegitimidade (LOURO, 2001, p. 551-552).

O corpo seja ele masculino, feminino ou trans que se submete a dissolver a lógica binária já traz em si vários rompimentos. Louro (2001) explica que mesmo assim, nestes casos, cada parte carrega vestígios uma da outra, misturando-se, compondo-se.

A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos. Trabalhando para mostrar que cada polo contém o outro, de forma desviada ou negada. A operação sugere também o quanto cada polo é, em si mesmo, fragmentado e plural. Para os teóricos/as Queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade — onipresente na cultura ocidental moderna — poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos (LOURO, 2001, p. 548).

Segundo apontou Louro (1997), antigos manuais ditavam como meninos e meninas deviam se portar perante a sociedade, domesticando crianças e adolescentes, porém, esses mesmos manuais, que escolarizavam corpos, também abriam caminhos para indagações.

Deborah Britzman vai mais longe nessa questão, ao discutir as estreitas imbricações entre gênero e sexualidade e as consequências dessa inseparabilidade. Citando Jeffrey Weeks, ela afirma que usualmente confundimos ou vinculamos gênero (“a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher”) e sexualidade (“a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais”). Assim, diz Weeks, que o “ato de cruzar a fronteira do comportamento masculino ou feminino apropriado (isto é, aquilo que é culturalmente definido como apropriado) parece, algumas vezes, a suprema transgressão”. Como já observamos, a vigilância e a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da “normalidade” (normalidade essa pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero) (LOURO, 1997, p. 80).

Segundo o professor e pesquisador Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras

Clássicas e Vernáculas da USP, Emerson Inácio (2011), a Teoria *Queer* e suas implicações no cotidiano social vêm para reforçar o direito de cada um ser o que lhe convier. Quando Araripe Coutinho tomou pra si as dores de seu próprio corpo e transformou o escárnio popular em visibilidade fez acontecer justamente o fortalecimento do laço *Queer* que lhe arremata enquanto homem gay, poeta e cidadão.

Pulando do campo da ofensa para o da política emancipatória do corpo, a Teoria *Queer* nasce nessa dobra que a linguagem realiza ao efetivar uma troca de forças que empodera o excluído. O *Queer*, assim, garante o pleno direito dos indivíduos de ser, apenas, seja qual for a sua identidade, orientação, estilo de vida ou preceito estético corporal (INÁCIO, 2011, p. 108).

CONCLUSÃO

Diante de um mundo que exige mais liberdade de pensamento para a sobrevivência em coletividade, as construções de teorias que facilitam a compreensão do outro e transformam visões distintas em lições unânimes fomentam liberdades sociais, demarcando possibilidades e provocando todos os antigos segmentos sociais (família, escola, trabalho, etc), mostrando que o uso do livre-arbítrio pode ser também um machado para romper paradigmas ultrapassados.

Se Judith Butler traz discussões sobre a sexualidade e o gênero, embasada na promoção e na mistura entre as ideias do binarismo humano, a Guacira Lopes Louro abre essa fala para os demais aspectos da formação social, produzindo, por exemplo, no Brasil da década de 90 uma sutil bagunça dentro dos círculos socioeducacionais. Quando o poeta Araripe Coutinho enfrentou a sociedade sergipana e logo em seguida a crítica brasileira, por conta de suas fotos nu dentro do Palácio Museu Olímpio Campos, é possível que neste momento o escritor estivesse expondo uma

bandeira da causa *Queer*, ainda que só utilizasse para isso seu corpo obeso, meio-índio, meio-preto, meio-fêmeo, meio-macho.

Se não foi através da escrita de 11 livros que Araripe Coutinho bulinou os padrões sociais brasileiros, seu corpo machucado e imperfeito teve esse poder. Como mecanismo de educação, o poeta precisou usar sua carne como cartaz para um processo de deseducação talvez nunca visto na Sociedade Sergipana. Se o respeito não foi conseguido, pelo menos o escritor pode ser coerente consigo mesmo, ousando mostrar as feridas causadas pela não compreensão de sua liberdade. Assim, ao mesmo tempo em que crescem no Brasil inúmeras possibilidades de preconceitos, também brotam Araripes por entre os arbustos da dor.

Aqui, o presente artigo lança uma fração de olhar em direção ao que está próximo, não sendo capaz de abarcar todos os casos de sofrimentos que a deseducação e o preconceito em relação ao próximo são capazes de produzir. Certamente, ao ler estas linhas, o leitor também formará em sua cabeça outras conexões, ainda que amargas, porém, necessárias.]

Nada é mais *Queer* do que se estar vivo em meio aos leões.

REFERÊNCIA

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo horizonte: Autêntica, 2019. p. 191-219.

COUTINHO, Araripe. *Fotografado nu em museu, poeta reclama de preconceito em Sergipe*. [Entrevista concedida a] Rosanne D'Agostino. G1, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/fotografado-nu-em-museu-poeta-reclama-de-preconceito-em-sergipe.html>. Acesso em: 20 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Literatura e sexualidades: o que pode um corpo. *Revista Alere*. São Paulo, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.p. 57-87.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer — uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis. Vol. 9, n. 2 (2001), p. 541-553.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho — ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.